

O DOM QUIXOTE DA TRUPE DIVERSOS

Marta Simões Peres
martaperes@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5570019500701293>

Marina Martins
corpoprismático@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9263208239424219>

André Meyer
andremeyer@eefd.ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/3049050933678616>

Ana Célia de Sá Earp
cdcufjr@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1679576418450566>

*“De um nobre fidalgo da Mancha/ Contaremos a aventura
A ele, as muitas leituras/ Transtornaram a cabeça,
Damas, armas, cavaleiros/ O provocaram de modo /a não se queixar da fortuna
Suas aventuras são muitas, alguns dirão desatino”*

RESUMO

Este artigo discorre sobre “Diversos São Quixote”, segundo espetáculo da Trupe DiVersos, do Projeto Paratodos. Além de elencarmos as principais referências teóricas que embasaram a montagem, apresentamos os resultados de pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevista episódica, acerca de impressões individuais de integrantes do projeto e público. “Diversos São Quixote” foi contemplado pelo primeiro edital do Programa de Apoio às Artes direcionado a Grupos Artísticos de Representação Institucional (PROART/GARIN) lançado pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e Fundação Universitária José Bonifácio.

Palavras-chave: Dança; Teatro; Produção Partilha do Conhecimento; Miguel de Cervantes

“Diversos São Quixote”, criação coletiva¹ a partir de roteiro de Claudia Wer, Marina Martins e Marta Bonimond, baseado em Miguel de Cervantes (1547/1616), foi contemplado pelo primeiro edital Programa de Apoio às Artes direcionado a Grupos Artísticos de Representação Institucional (PROART/GARIN) lançado pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ e Fundação Universitária José Bonifácio². O objetivo central do edital foi promover a produção e difusão das artes, por meio do desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, contemplando as múltiplas linguagens e a diversidade das formas de expressão artística. Deste modo, o edital deu apoio a grupos artísticos tradicionais da Universidade, como orquestras, corais e grupos teatrais que vêm passando por dificuldades.

Reconhecendo o papel fundamental da arte na formação do estudante como cidadão pleno, Carlos Bernardo Vainer, coordenador do Fórum de Ciência e Cultura, afirma: “Se quisermos ser uma universidade e não um colégio de ensino superior ou formação profissional, devemos usar os meios conjuntos para que todos os campos da nossa Universidade possam avançar igualmente (...)”³

1 Ficha Técnica: Direção: Marta Bonimond, com montagem em criação coletiva; Colaboração na montagem, coreografia e realização: Marina Martins, Felisa Carvalho, Janaína Morelli e Samara Pacheco dos Santos; Elenco: Gilson Carneiro, Victor Ferreira, Berenice Xavier, José Marcelino, Abhay Zukoski, Maura Americano, Tayna Bertoldo, Thainá Barros, Natasha Hoffeman, Cida Lopes, Karla Flor, Ique Gazzola, Kadosh Oliva, Sophia Furtado, Julia Scorzeli e Jessica Albuquerque.

2 Os critérios do edital foram definidos na Resolução 01/2015 do PROART/UFRJ, com plano de trabalho contemplando programação relativa ao período de dezembro de 2016 a dezembro de 2017. A trupe assumiu o compromisso de realizar dez apresentações, as quais já ocorreram no evento Festival da Guanabara, em Paquetá (estreia), na Vila Residencial da Ilha do Fundão, na Cinelândia (evento da Secretaria Estadual de Saúde para prevenção da hanseníase), numa curta temporada no Campo de Futebol da UFRJ Campus Praia Vermelha e numa escola municipal de Irajá, todas com excelente resposta do público.

3 Entrevista disponível em: <<https://ufrj.br/noticia/2016/10/27/lancado-o-primeiro-edital-de-apoio-grupos-vartisticos-da-ufrj>>

A TRUPE DIVERSOS

O Paratod@s⁴ é um projeto de ensino, pesquisa e extensão que oferece aulas de dança a estudantes de graduação, mestrado e extensão – enfatizamos que todos são estudantes da UFRJ, porém alguns possuem DRE (divisão de registro de estudantes) e outros, não, reunindo assim adultos, crianças, idosos, vizinhos, pacientes das unidades de saúde e reabilitação próximas, cadeirantes, e qualquer pessoa interessada, desde que não exista contra indicação por saúde. O principal objetivo é expandir o acesso à dança a públicos mais amplos, afirmando o papel extensionista da universidade⁵. Defendemos a ideia de que todas as pessoas podem dançar, afinados com Helenita Sá Earp (1910-2014), fundadora da dança nas universidades públicas brasileiras e de Angel Vianna, importante referência na dança.

Contrariando o modelo hospitalocêntrico hegemônico no campo da saúde e a característica historicamente excludente da universidade, o projeto é pautado pelo respeito e acolhimento à diversidade, pelo empoderamento das singularidades e pelo estímulo à criatividade, valorizando antes de tudo o ser humano e não sua doença ou limitação. Além da dança, sua espinha dorsal, realizam-se grupos de estudo. Foi justamente durante um desses, cujo tema era “A História da Loucura”, de Michel Foucault, que José Marcelino trouxe “Leonídia: a musa infeliz do poeta”, de Myriam Fraga. Essa biografia aproximava-se de nossos debates, gerando desdobramentos que culminaram

4 Fundado em 2010, tendo como referência um álbum de Chico Buarque (1993) e a revista “Para Todos”, notabilizada por J. Carlos (1918), o Paratodos aposta na potência da diversidade, no acolhimento, na diversidade, no fortalecimento da extensão universitária e na abertura dos estudantes ao contato com as áreas da saúde, estudos da deficiência, reabilitação, luta antimanicomial, fundamentado no empoderamento das singularidades (PERES, 2016).

5 A dança pode ser uma atividade potente e importante aliado no tratamento, prevenção e prática corporal cotidiana, trazendo comprovados benefícios de ordem motora, psicológica, de qualidade de vida, sociabilidade e autonomia, a pessoas com ou sem limitações físicas, sensoriais e sofrimento psíquico (PERES, 2000)

em “Leonídia: ela é doida?”, espetáculo fundante da trupe. Como abordagem para nossos processos criativos, mantivemos no segundo a ideia de polifonia, em que os atores/bailarinos não são sujeitos passivos⁶ a colocar em cena um roteiro pré-estabelecido, mas criam coletivamente o espetáculo.

REFERENCIAS PARA A CRIAÇÃO

O capítulo “Dom Quixote de La Mancha” do livro “Mitos do Individualismo Moderno”, de Ian Watt (1997), forneceu o eixo para a construção cênica de Diversos São Quixote. A partir de suas ideias centrais - com subcapítulos intitulados: A primeira saída; Os romances de cavalaria; A segunda saída; A terceira saída; Dom Quixote e Sancho Pança; Dificuldades de interpretação - revelamos cada cena sob a forma de “estações” em diferentes pontos da área verde do Campus UFRJ da Praia Vermelha e construímos qualidades de movimento peculiares, a fim de refletir estados, sonoridades, sensações, exibindo plaquetas como entretítulos do cinema-mudo.

Outra importante referência foi o artista Angelo Agostini (1843 - 1910), e seu jornal “Don Quixote” (que circulou entre 1895 e 1903), por conta das críticas políticas e sociais realizadas pelas célebres personagens. Um dos principais semanários do Rio de Janeiro da época, “Don Quixote” tratava de temas cotidianos da virada do século XIX para o XX. Se, de maneira romântica e irônica, a República era estampada nas bancas de jornais cariocas da época, por que não retratar, de modo parecido, porém diverso, a sombria realidade social, política e econômica do Brasil de hoje? Esta pergunta moveu a concepção do espetáculo e trouxe para a cena as notícias atuais, manifestações de rua, e principalmente o sentimento de inadequação que nós da trupe, compartilhamos com o protagonista, movidos por um “sonho impossível”.

6 Segundo a “Teoria da Polifonia”, de Mikhail Bakhtin, as personagens de Dostoiévski apresentam-se como senhoras de seus discursos, com valores, visão de mundo próprias, cujas vozes têm excepcional independência da totalidade da obra. Levamos essas ideias da teoria literária para a criação cênica, baseando-nos no conceito de criação cênica polifônica (PERES, 2016).

Desse modo, o clássico serviu de fio condutor para uma aguda e bem humorada crítica da atualidade e a denúncia de preconceitos arraigados contra todos os que não se encaixam nos supostos modelos de normalidade socialmente construídos - macho; adulto; branco; europeu; heterossexual; psicologicamente equilibrado; jovem para sempre; com corpo e mobilidade perfeita.

Assim como em “Leonídia: ela é doida?”, o argumento brota da proposta intrínseca da trupe, nascida no Projeto Paratodos/UFRJ, que conta com pessoas com deficiência e com sofrimento psíquico no elenco. “DiVersos” sintetiza assim as ideias de diversidade e de poesia, já que o espetáculo fundante baseou-se na biografia de uma namorada de Castro Alves, dançada com belos versos do grande poeta baiano, canções da MPB e do jongo. Desta vez, o imaginário cervantino é revisitado num gênero híbrido que mistura referências dos brincantes da cultura popular, teatro de revista, trechos do original em falas pontuais e interatividade com o público.

O ESPETÁCULO

Um animado cortejo do interior do Brasil, em ritmo de caixa de guerra, sai do livro do menino Abhay que convida outra criança a ler com ele. Liderando um coro de bruxas, a feiticeira Urganda introduz ao público o que será apresentado (epígrafe deste texto).



Atônito diante de aterrorizantes e sempre atualizadas notícias (escolhidas no próprio dia), afogado num mar de jornais, o protagonista é enfeitiçado pelas bruxas, que o vestem -

armadura, escudo, capacete - a lança, ele ergue, determinado a lutar contra as injustiças: “Meu nome é minha pátria! Quixote de la Mancha!”.

Na cena seguinte, a primeira saída:

“ao chegar a uma venda, ele julga haver encontrado um esplêndido castelo (...) O vendeiro considera mais prudente divertir-se com a loucura do visitante (...) na pressa de livrar-se dele, (...) logo trata de imitar a cerimônia de sagração e o declara membro da cavalaria andante” (WATTS, 1997, p. 62).

O coro apresenta um cânone gestual com referência em elementos de Pina Bausch: beber, comer e limpar a boca, expressões de assombro e gargalhadas, ao som de “Maluco Beleza”, cantada ao vivo.

Como “não há de haver um cavaleiro sem escudeiro!”, Dom Quixote oferece ao humilde Sancho Pança uma ilha paradisíaca em que será governador: “Tudo o que sonhas será teu!”. Uma ambiência de teatro de revista descortina-se ao som de “Não existe pecado do lado debaixo do Equador”. Seduzido pela irrecusável proposta, o iletrado, porém cheio de ditados populares, Sancho aceita tornar-se o grande parceiro de toda a vida de nosso herói (ou anti-herói).



O amor a Dulcineia traduz-se numa coreografia lenta e suave, com inspiração na estatutária greco-romana.



Chegamos ao clímax: a luta com monstros que não passam de Moinhos de Vento. “Sonho Impossível” é cantada à capela por três atores, enquanto os moinhos são representados por duplas de bailarinas com braços sincronizados. Em discurso inflamado, o cavaleiro defende que a universidade pública deve ser verdadeiramente democrática e não excludente, e arremete contra o moinho bradando: “Vamos derrubar os muros que separam a universidade da sociedade!”.

Mal sucedido, ele cai e é alvo de todos os tipos de xingamentos – pobre, aleijado, leproso, mendigo, bicha, sapatão, maconheiro⁷ e finalmente, “invisível”, “varre para debaixo do tapete!”, grita o coro. Toca somente a primeira estrofe de “Pérola Negra”, do recentemente falecido Luiz Melodia: “tente passar pelo que estou passando...”. Mas ele não desiste, resiste, reexiste. Auxiliado por Sancho, ergue-se e inicia uma manifestação contra todas as formas de preconceito e opressão * (Oswald), seguida de “Até Quando” e de uma luta coletiva em palhaçaria ao som da trilha do super herói *Batman*.

Cada um dos artistas se apresenta – eu sou ... e entrei para a Trupe porque... – intercalando o samba-enredo da União da Ilha, até que alguém grita que estão atrasados

⁷ As palavras politicamente incorretas são propositais, pois as personagens representam uma caricatura do pensamento reacionário e fascista de que nos últimos tempos se está perdendo todo o pudor de defender por certos setores da sociedade

para o casamento (as “Bodas de Comacho”, no original). Além de não amar o noivo, a noiva está grávida de outro. Nossa atriz exhibe sua gravidez real e foge com o verdadeiro amor ao som de “Paula e Beбето”, quando todos reafirmam festejando que “qualquer maneira de amor vale a pena”⁸.

NARRATIVAS DE QUEM FEZ OU ASSISTIU

Como base na metodologia qualitativa da pesquisa episódica⁹, solicitamos a componentes da trupe e do público que respondessem à pergunta “como foi a experiência de participar do espetáculo “Diversos São Quixote”?” Esclarecendo que parte do elenco atuou desde a montagem e parte chegou nas três últimas apresentações, vejamos o corpus discursivo obtido a partir dessa investida:

“Eu gostei no geral dos espetáculos, embora tivesse algumas cenas desagradáveis¹⁰. (...) Gostei muito da participação de todos, da entrega corporal pelo trabalho, da interação com o público, dos debates.” Tainá Bertoldo, integrante da trupe, estudante de Licenciatura em Dança/UFRJ.

“A impressão geral que tive durante a montagem do espetáculo e do figurino foi que o que começou como uma grande brincadeira e vontade de expandir a trupe pode realmente acabar fazendo o grupo como um todo ser mais visto e atraindo mais participantes, tanto da UFRJ quanto de fora dos muros, que é a nossa missão. (...)”

8 Canções: “Bandeira do Divino”, Ivan Lins; “Maluco Beleza”, Raul Seixas; “Não existe pecado do lado de baixo do Equador”, Chico Buarque; “Sonho Impossível”, Chico Buarque e Rui Guerra (versão de “Impossible Dream”^k de J. Darion e M. Leigh); “Até Quando”, Gabriel o Pensador, vinheta do Batman, “Don Quixote de La Mancha, o Cavaleiro dos Sonhos Impossíveis”, samba-enredo da União da Ilha (2010), “Paula e Beбето”, Milton Nascimento e Caetano Veloso.

9 Uma das raízes da entrevista episódica é a discussão sobre o uso de narrativas de pessoas para coletar informações dentro da ciência social. Sob um ponto de vista mais amplo, James (1893) sustentou que “todo pensamento humano é essencialmente de dois tipos – raciocínio, por um lado, e narrativo, descritivo, contemplativo, de outro”, de modo que as narrativas são vistas como “a forma primária através da qual a experiência humana se torna significativa” (FLICK apud BAUER e GASKELL, 2003, p. 115).

10 Perguntada sobre quais seriam as “cenas desagradáveis”, a entrevistada apontou o momento em que o protagonista é xingado com termos pejorativos e chulos.

Falando como espectadora, acredito que a chave seja realmente a diversidade, as diferentes personalidades e vivências fizeram tudo parecer mais real, espero que isso não mude no grupo, já que é a nossa assinatura”. Janaína Morelli, bolsista do Projeto Paratodos, que colaborou com a montagem sem fazer parte do elenco.

“(…) Pude perceber seu caráter totalmente horizontal, cujo roteiro foi construído por todos e as cenas foram assim também produzidas e modificadas ao longo dos ensaios. (...) É inexplicável essa energia que me envolve no palco e me faz sentir parte daquilo, mesmo sem estar inteirada das cenas. É incrível que eu consiga me soltar e me entregar da mesma forma que vejo os outros se jogando e se divertindo ali. (...) em todas a energia fluiu da mesma forma, só que me senti cada dia mais empoderada enquanto atriz da companhia. (...) A meta agora é (...) continuar a espalhar essa vibração entre nós mesmos e o público” Sophia Furtado, estudante de psicologia, bolsista do Projeto Paratodos e integrante do elenco da trupe.

“Recentemente me juntei à Trupe Diversos e desde o primeiro dia me senti acolhida. (...) é complicado expressar em palavras a sensação que ela pode me trazer. Inclusão, justiça, diversidade e respeito são algumas das coisas que mais me tocaram. A alegria da Trupe é muito contagiante, considero impossível assisti-los sem sorrir e se emocionar, suas vozes tocam fundo na alma. Em cada esquina deveria ter grupos como esse, que no meio da rotina corrida e sem graça do dia a dia, pudessem nos encher de felicidade e luz. Diversos é resistência. Que permaneça alegrando e conscientizando a vida das pessoas” Guinevere Gaspari, estudante de Comunicação Social e bolsista do Projeto Paratodos.

“Tinham cenas que exigiam um ritmo mais lento, onde podia aproveitar melhor os movimentos e que tinham uma estética linda (as do moinho e a que ficamos no fundo fingindo que estamos comendo). (...) Foi maravilhoso estar na escola, com adolescentes, uma outra energia.” Jessica Albuquerque, estudante de Psicologia e bolsista do Projeto Paratodos

“(...) posso considerar que essa oportunidade foi de extrema relevância para o projeto (Vila em Dança), seus alunos, e a comunidade para a qual este existe, se estrutura e se fundamenta. O espetáculo, que envolve teatro, dança, elementos da cultura popular e políticos e uma dramaturgia teatral, ao mesmo tempo engajada e lúdica, foi um marco para a vida daqueles jovens, que normalmente não possuem acesso a essas atividades. O espetáculo atingiu o seu propósito de trazer questões de diferentes modos e de atingir diferentes faixas etárias, incentivando uma participação ativa que possa instigar mudança na perspectiva e no posicionamento em relação à vida daqueles que o assistiram. (...) O espetáculo envolve atores com diferentes experiências, sendo que alguns estavam em processo de reabilitação psíquica, e como participar de um projeto que envolva o contato com a comunidade, numa relação de troca e doação, auxilia sua recuperação e os coloca numa posição mais plena ao lidar e aprender com o outro. Essa troca deve ser estimulada pelos produtores de arte, aqueles que a constroem, que precisam pensá-la de uma forma mais engajada com os mais desfavorecidos e mais aflitos, seja materialmente, psiquicamente ou emocionalmente. Uma arte como processo de doação constante, que penetre todos os espaços possíveis”. Ana Célia de Sá Earp, professora da UFRJ e coordenadora do Projeto Vila em Dança.

CONCLUSÃO

O clima de acolhimento e diversão é marcante nos relatos, porém não desejamos ser identificados como um grupo terapêutico ou gerar compaixão. A arte cura, sim, mas desejamos mais do que isso, nos aprimorar e tocar o espectador pela qualidade do trabalho. O reconhecimento da Trupe DiVersos enquanto um dos onze GARINs da UFRJ injetou motivação em nossa jovem companhia, que já está se preparando para novos desafios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FLICK, Uwe. **Entrevista Episódica**. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2003.

JUNIOR, Pais; FRANCISCO, Carlos. **Entre o Engenhoso e o Quixotesco**: A Dulcineia Brasileira de Angelo Agostini e o seu Don Quixote (1895 – 1903). Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista. Bacharelado em História. Franca: UNESP, 2016.

PERES, Marta Simões. MEYER, André. **“Leonídia: ela é doida?”; Produção Partilhada do Conhecimento e Criação Cênica Polifônica**. ARJ. Art Research Journal. V.3, n.2, 2016.

PERES, Marta Simões. **Paratodos: Dança, Polifonia e Produção Partilhada do Conhecimento**. Interagir: pensando a extensão, Rio de Janeiro, n. 22, 2016.

WATT, Ian. **“Mitos do Individualismo Moderno”**. Fausto, Dom Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

SOBRE OS AUTORES:

Marta Simões Peres é professora associada do Departamento de Arte Corporal da UFRJ, onde atua no Programa de Ensino e Criação em Dança – Bacharelado, Licenciatura e Bacharelado em Teoria da Dança. Doutora em Sociologia (UnB, 2005), com Pós Doutorado em Antropologia (IFCS/UFRJ, 2006) e Mestrado em Ciências da Saúde (UnB, 2000). Bailarina (Angel Vianna, 1990), Fisioterapeuta (IBMR, 1995) e Pintora (EAV Parque Lage, desde 2010, com João Magalhães). Coordena o projeto de ensino, pesquisa e extensão Paratodos, na Dança e Saúde UFRJ. Ingressou no programa de Pós Doutorado do Núcleo Diversitas da USP (2013).

Marina Martins é professora associada do Departamento de Arte Corporal da UFRJ. Doutora em Teoria do Teatro (UNIRIO). Autora do livro "Dança ao Pé da Letra". Dirigiu o filme "Enquanto Caem as Folhas", baseado na obra de Marguerite Duras.

André Meyer é professor adjunto do Departamento de Arte Corporal da UFRJ. Doutor em Ciências (UFRJ, 2012). Atualmente coordena o Laboratório de Imagem e Criação em Dança e o Núcleo de Dança, Ciência, Arte e Criação da Companhia de Dança Contemporânea da UFRJ.

Ana Célia de Sá Earp é professora adjunta da UFRJ, onde atua desde 1980. Foi Chefe do Departamento de Arte Corporal de 1989 a 1999. Possui Especialização em Dança (1980) e Especialização em Coreografia (1981) sob a orientação de Helenita Sá Earp. Criou e implantou o Curso de Bacharelado em Dança da UFRJ (1993) tendo exercido a coordenação deste curso no período de 1994 a 2000.